

Atualidade econômica

País quer governos nas negociações

A.M. PIMENTA NEVES
Nossa correspondente

WASHINGTON — O embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Sérgio Corrêa da Costa, disse ontem a cerca de 200 banqueiros em Nova York, que "cabe aos bancos, ao FMI e aos governos encontrar os mecanismos adequados para fazer baixar as taxas de juros, estender os prazos de amortização e vincular o serviço da dívida a uma proporção razoável das receitas de exportação" dos países do Terceiro Mundo.

"Se não for assim, ninguém sairá vencedor, e o mundo de amanhã será ainda mais pobre e mais inóspito para todos", afirmou. O embaixador discursou durante o almoço que se seguiu à reunião dos representantes de 108 bancos americanos que participarão da linha de crédito comercial de 1,5 bilhão de dólares concedida ao Brasil sob garantia do Eximbank dos Estados Unidos. A operação é coordenada pelo Chase Manhattan. O contrato será assinado em Washington no dia 25. O Eximbank aprovou a garantia da linha de crédito no ano passado, mas problemas burocráticos impediram sua utilização até Agora.

O embaixador Sérgio Corrêa da Costa, disse ontem pelo telefone a este jornal que houve excesso de oferta (US\$ 6 bilhões) dos bancos interessados em participar da operação. Evidentemente, os bancos preferem financiar as exportações para o Brasil a emprestar dinheiro a longo prazo e acham melhor ainda financiar operações com garantia do Eximbank.

Corrêa da Costa foi convidado para falar no almoço pelo Banco do Brasil, um dos promotores da reunião. Aproveitou a oportunidade para expor seus pontos de vista e do Itamaraty acerca da renegociação da dívida externa e dos limites da austeridade. Disse que alguns países, entre os quais o Brasil, seguiram as prescrições do FMI com êxito, mas que "não temos ilusões".

"Sabemos que não estamos seguindo um caminho viável a longo prazo. Ninguém poderá negar que uma austeridade prolongada gera instabilidade, solapa as instituições democráticas, conduz à radicalização política e a regimes autoritários", afirmou.

Citando um ex-ministro britânico, Corrêa da Costa disse que "é chegada a hora de os governos dos países desenvolvidos assumirem a responsabilidade a que se têm furtado por tanto tempo".

"Muito se tem falado, tanto aqui quanto em meu país, sobre a chamada politização da dívida. A opção por uma abordagem técnica ou política para o problema do endividamento envolve, no fundo, um falso dilema. O simples fato de os devedores serem Estados soberanos confere ao pro-



Arquivo

Corrêa da Costa: se não for assim, ninguém vai ganhar

blema substância política. Ainda que assim não fosse, o volume dos recursos em jogo bastaria para atribuir conteúdo político aos riscos existentes para devedores e credores", disse.

"Em outras palavras, admitir hoje a politização da questão da dívida nada mais é do que reconhecer a realidade. Desde setembro de 1982, as decisões básicas sobre quando e quanto emprestar decorrem menos de considerações de mercado do que da ação concertada dos governos de países credores e devedores, dos organismos internacionais e dos bancos, todos motivados pelo desejo de preservar a saúde do sistema financeiro", afirmou Corrêa da Costa.

O embaixador brasileiro disse depois que chegou a hora de os governos "tomarem assento à mesa de negociações. Afinal, são eles, em última instância, os condutores da política econômica interna, os membros dos organismos internacionais, os responsáveis pela preservação do sistema financeiro", acrescentou, afirmado ainda ser este o sentido básico da proposta contida na carta que o presidente Figueiredo enviou recentemente ao presidente dos Estados Unidos.